

SIMBIOSE E NARCISISMO EM DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Nícea Helena Nogueira (CES/JF)*
Risiel Cristine Pires Koch Torres (CES/JF)**

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

Neste artigo, aborda-se a representação literária da co-dependência entre familiares e cônjuges no romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. Objetiva-se o estudo dos conceitos do narcisismo e simbiose na Psicanálise em comparação com a Literatura. Primeiramente será utilizado o texto freudiano para a definição dos referidos conceitos para, então, observar outros autores que reescreveram a Psicanálise. O texto machadiano será utilizado para fazer os entrelaces práticos da obra de arte com a vida real, ou seja, vislumbrar o sofrimento humano numa ótica psicológica e literária, fazendo uma correlação interdisciplinar.

Palavras-chave: Narcisismo. Simbiose. Psicanálise. Literatura. **Dom Casmurro.**

ABSTRACT

In this study, the literary representation of codependence among relatives and partners is studied. It aims at defining the concepts of Narcissism and Symbiosis in Psychoanalysis in comparison to the use of these very same concepts in Literature. At first, Freudian text will be used to define those concepts and then to observe other authors who have rewritten Psychoanalysis in the last decades. The novel by Machado de Assis is of interest to establish practical relations between work of art and real life in order to reveal human suffering from a psychologic and literary point of view, tracing a interdisciplinary approach.

Keywords: Narcissism. Symbiosis. Psychoanalysis. Literature. **Dom Casmurro.**

*Doutora em Letras pela UNESP-São José do Rio Preto; Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF; Professora dos cursos de Graduação em Letras, História e Comunicação Social do CES/JF.

**Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF; Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da UNIPAC-Ubá – MG; Mestranda em Letras: Literatura Brasileira pelo CES/JF, Graduada em Psicologia pelo CES/JF.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, enfatizaremos o conceito de narcisismo para que possamos estabelecer pontes da Psicanálise freudiana a outras vertentes psicanalíticas com a Literatura. Mostraremos a simbiose como ponto de partida, num processo de desenvolvimento para todos os relacionamentos humanos e como sua inapropriação pode ser desastrosa no desenrolar da vida humana.

O conceito de co-dependência não será aqui esmiuçado. Entenda-se co-dependência, neste estudo, como toda relação simbiótica estabelecida com sofrimento de uma pessoa que faz sofrer quem está ao seu lado dentro de uma relação amorosa. O termo é tirado da medicina em 1970, em virtude dos movimentos culturais que abriram espaço para a drogadicção e alcoolismo nos Estados Unidos, conforme relatos dos grupos A.A. (Alcólicos Anônimos) da época em questão.

2 NARCISISMO EM FREUD: O CONCEITO

Há que se observar que narcisismo é uma tradução da palavra alemã *narzissmus*. Na tradição grega, o termo narcisismo designa o amor de um indivíduo por si mesmo. Filho do rio Céfiso e da ninfa Líriope, o belo e jovem Narciso, da lenda contada por Ovídio, apaixona-se por sua imagem refletida num lago próximo a Tebas, a quem tenta desesperadamente abraçar. Narciso não percebendo que se tratava dele próprio, desespera-se por tentar abraçar a imagem e não conseguir captá-la, por isso, fica ali, definha-se e morre. Narciso era incapaz de amar a diferença e de ter objetos amorosos que não fossem a sua própria imagem ou o reflexo dela. No texto de Machado, encontramos logo no início, numa intertextualidade: “Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo.” (ASSIS, 1997, p. 15).

São várias as versões do mito de Narciso, voltemos a elas e muitas são as interpretações dadas. Passando pelos mais antigos, neoplatônicos, teólogos cristãos, críticos literários até chegar a Freud, o mito vem sendo submetido à análise e a explicações das mais variadas formas.

Narciso também é uma flor, um lírio, cuja raiz semântica chama-se

nárke, do grego, que significa “entorpecimento, torpor” sendo também a raiz para as palavras narcose e narcóticos. Trata-se de uma discussão interessante, pois aqui estamos, o tempo todo, fazendo-se um questionamento sobre a co-dependência, dependência esta voltada para algumas pessoas viciadas em pessoas dependentes de químicas e de outros derivados.

Brandão relata que o engano fatal do jovem tebano foi a escolha errada do objeto de amor. “Tratar-se-ia, no caso, de uma espécie de advertência à violação dos impulsos de amor, que deve ser dirigido a outro”. (2003, p. 183). Segundo o autor, Narciso teria cometido um incesto intrapsíquico. A descoberta de seu auto-amor leva-o ao desespero e à morte por uma reflexão patológica.

Brandão (2003) acentua o seu entendimento de reflexão, no sentido de *reflectere*, considerando “-re” como “novamente” e *-flectere* como “curvar-se”, cuja significação etimológica é uma “volta para trás”, um “retorno” para dentro de si mesmo, em introspecção. Faz referência a um perigo dessa volta, desse retorno endopsíquico, como no suicídio. Uma alta concentração de energia libidinal no Eu, como Narciso, que morre anoreticamente apaixonado por si mesmo, nas margens do rio que o gerou.

Essa característica é recorrente no texto machadiano. A personagem Bento Santiago apresenta-se, desde o início do romance, em estado introspectivo, como no trecho:

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalo, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu... (ASSIS, 1997, p. 16).

A impressão que o texto passa é de que a personagem Bento Santiago gasta a vida inteira olhando-se no espelho, tentando se achar e, conseqüentemente, perdendo-se no lago de Narciso: “Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa. O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”. (ASSIS, 1997, p. 17). Podemos observar que, em *Dom Casmurro*, o narrador e personagem principal Bentinho mostra,

ao longo do texto, sua estrutura narcísica.

A partir da observação de textos freudianos, pensamos como é que, nos casos de co-dependência, a relação passa o tempo todo pela negação da diferença, ou seja, o indivíduo fica aprisionado pelo narcisismo. Então, a partir disso, podemos inferir que esse aprisionamento ao narcisismo pela vida afora refere-se a uma dependência destrutiva como a co-dependência? Cumpre ressaltar que prosseguiremos com outros autores sobre o estudo do narcisismo, objetivando melhor compreensão das articulações futuras.

Segundo Roudinesco (1998), o termo narcisismo foi empregado pela primeira vez, em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet, que o definiu como a atitude de tomar a própria pessoa como objeto sexual. Novamente, em 1898, o termo foi usado por Havelock Ellis. No ano posterior, foi empregado pelo criminologista alemão Paul Nacke.

O termo aparece em Freud, pela primeira vez, numa nota acrescentada ao texto “Sobre os três ensaios da teoria da sexualidade” [1905]. Somente em 1914, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” [1914], o termo passa à categoria de conceito. Seria, então, um estágio do desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e a escolha de objeto.

Freud escreve este texto, em resposta a Jung, quando propõe que a Teoria da Pulsão não daria conta da psicose. Assim, trata-se de uma mudança nessa teoria. O Eu inflado pelo investimento libidinal retira do mundo externo toda a libido, aparecendo o estado narcísico. O narcisismo é um complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação que, em certa medida, pode ser atribuída a todo ser vivente. Apenas a fixação, nesse estágio, ou as formas excessivas pertenceriam à patologia.

Esse estado narcísico aparece na personagem Bentinho, do texto machadiano, quando percebemos a influência sofrida por ele e sua fixação na palavra da mãe: “ – Justamente! exclamou minha mãe. Mas veja bem, mano Cosme, veja se não é a figura do meu defunto. Olha, Bentinho, olha bem para mim. Sempre achei que te parecias com ele, agora é muito mais. O bigode é que desfaz um pouco ...”.

A libido afastada do mundo externo é dirigida para o Eu, dá margem a uma atitude que pode ser denominada “narcisismo”. O narcisismo, que surge por meio da indução de investimentos objetivos, como secundário, superposto a um narcisismo primário, é obscurecido por diversas influências

diferentes.

Para Freud (1974a), há um investimento libidinal originário do Eu, parte do qual é, posteriormente, transmitida a objetos, mas que, fundamentalmente, persiste e está relacionada com os investimentos objetais. A libido objetal atinge a fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de um investimento objetal. Somente quando há um investimento objetal é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia da pulsão do Eu. Outra vez, aqui, podemos repensar a co-dependência, nos casos em que realmente a pessoa desiste de si mesma em função do outro.

No texto machadiano, Bento Santiago desiste, também, de si próprio nos relacionamentos que estabelece, inicialmente, com sua mãe, D. Glória, e, depois, com a mulher amada Capitu. Essa desistência de si gera desespero diante do vazio constatado pela personagem, que se perde em seu próprio narcisismo. Bentinho afirma já no início do romance: “Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo”. (ASSIS, 1997, p. 17).

Quanto ao Eu, que é um grande reservatório de libido, Freud indica a necessidade de ser desenvolvido. Desde o início, a pulsão auto-erótica encontra-se presente, sendo, portanto, necessário adicionar algo a esse, uma nova ação psíquica, fabricando o Eu. Neste trabalho, buscaremos fazer um paralelo com os estudos sobre simbiose que veremos mais adiante, partindo desse ponto. Pensaremos, também, o que seria esta nova ação psíquica para se encaminhar a pulsão para novos objetos e talvez para um desenvolvimento do Eu numa direção diferente.

O indivíduo sai do auto-erotismo, das sensações e dos sentimentos próprios para uma experiência em que seu próprio corpo, ao mesmo tempo, experimenta os dos outros. O Eu é, então, um objeto fabricado, investido, produzido. O Eu não existe sem a alteridade, afirma Freud (1974a). O narcisismo infantil ou primário – a passagem das pulsões parciais ou auto-eróticas para a unificação – é o contemporâneo da constituição do Eu.

No romance, Bentinho, desde antes de seu nascimento, já tinha um destino traçado por sua mãe. Ela é a responsável por todo o investimento libidinal na construção desse Eu. Dona Glória havia feito uma promessa de

que se o filho sobrevivesse ao nascimento, depois de um aborto espontâneo, ela faria com que ele se dedicasse à vida religiosa. O próprio narrador relata o voto materno: “Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na Igreja.” (ASSIS, 1997, p. 31).

Posteriormente, no seu amor obsessivo por Capitu, Bentinho revela um forte narcisismo no seu delírio paranóico sobre um suposto adultério com seu melhor amigo Escobar. Ele fica alienado do mundo externo em sofrimento contínuo com as ideias persecutórias.

O tormento retira a atenção do mundo externo, como quando Freud, ao seguir uma sugestão de Ferenczi sobre a doença orgânica, afirma que a pessoa, ao sofrer, retira também o interesse libidinal de seus objetos amorosos. Enquanto sofre, deixa de amar, volta-se para seu próprio Eu, seu investimento libidinal: “Concentrada está sua alma no orifício estreito do molar, quando lembra Wilhem Busch a respeito do poeta que sofre de dor de dentes” (FREUD, 1974a, p. 98).

Numa terceira forma de abordar o estudo do narcisismo, Freud enfatiza a vida erótica do ser humano. Ele começa mostrando as diferenças entre homem e mulher, bem como os objetos sexuais das crianças como derivados de suas experiências satisfatórias.

Inicialmente, as pulsões sexuais estão ligadas à satisfação das pulsões do Eu (nutrição, proteção e cuidados em geral), surgindo, assim, a vinculação original que denominará o tipo de ligação ou o tipo anaclítico: termo usado por Freud para designar o tipo de ligação com o objeto, significando “encosto”, “apoio”, no sentido de um tipo de inclinação das pulsões sexuais para com as pulsões do Eu. Isso pode ser exemplificado nos primeiros meses de vida, quando não há a interação entre mãe e bebê, este desenvolve o prazer auto-erótico, o prazer nos seus lábios ao mamar. Nessa fase, a mãe ou quem a substitua exerce influência marcante nesse tipo de escolha. Quem sofreu algum tipo de perturbação no desenvolvimento libidinal adota, como modelo, seu próprio Eu e não o de sua mãe. Este tipo de escolha objetual foi denominada narcisista. Cumpre ressaltar que Freud escreveu mais sobre o assunto no estudo sobre Leonardo Da Vinci, em 1910.

Assim, podemos afirmar que o ser humano tem dois objetos sexuais: ele

próprio e a mãe (ou quem cuida dele), podendo caracterizar um narcisismo primário em todos, quando, em alguns casos, pode ser determinante em sua escolha objetal. Segundo Freud, uma pessoa pode amar:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
 - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) o que ela própria foi;
 - (c) o que gostaria de ser;
 - (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
 - (a) a mulher que o alimenta,
 - (b) o homem que a protege (FREUD, 1974, p. 107).

No caso dos co-dependentes, as conclusões de Freud levam-nos a investigar a história de cada um e verificar como cada qual pode vir a amar. Se olhado de perto, o significado de co-dependência, entretanto seriam como pessoas que são “obrigadas” pela vida a “amadurecerem” ou ocuparem responsabilidades antes da hora. Assim, veremos, nesse quadro conclusivo, o quanto ele ajuda a esclarecer sobre o co-dependente e o quanto a “confusão” da infância pode ser levada vida afora.

No caso de Bentinho a submissão à mãe poderosa fez dele um eterno prisioneiro de seu amor e dos desejos maternos: “Como eu buscasse contestá-la; repreendeu-me sem aspereza, mas com alguma força, e eu **tornei ao filho submisso que era**. Depois, ainda falou gravemente e longamente sobre a promessa que fizera; não me disse as circunstâncias nem a ocasião, nem os motivos dela, cousas que só vim a saber mais tarde.” (ASSIS, 1997, p. 89).

O narcisismo das crianças, na suposição freudiana, pode ser lembrado como a reprodução do narcisismo de seus pais. Freud vislumbra a forma como os pais educam seus filhos para realizarem seus sonhos dourados, referindo-se à criança como “Sua Majestade, o bebê”. Dependendo de como estes adultos vivenciaram seu narcisismo inicial, influenciarão, do mesmo modo, seus filhos **em suas escolhas objetais ou narcísicas**, por excelência.

3 IDEAL DO EU, HERDEIRO DO NARCISISMO

Para Freud (1974a), quando os impulsos libidinais entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo, com suas impressões,

experiências e desejos sofrem as interferências de uma repressão patogênica, ou seja, a repressão provém do Eu, do amor-próprio. Para o Eu, a formação de um ideal é o alvo do amor a si mesmo que, na infância, foi gozado pelo próprio Eu. O narcisismo do indivíduo desloca-se, então, em direção a esse novo Eu ideal, semelhante ao Eu infantil, ao qual se julga possuído de toda a perfeição de valor. O Eu ideal torna-se, portanto, substituto do narcisismo perdido em que ele era o seu próprio ideal.

Nessa afirmação de D. Glória, vemos seu poder de persuasão com o filho invocando Deus e deixando-o sem saída:

– Nosso Senhor me acudiu, salvando a tua existência, não lhe hei de mentir nem faltar, Bentinho; são cousas que não se fazem sem pecado, e Deus que é grande e poderoso, não me deixaria assim, não, Bentinho; eu sei que seria castigada e bem castigada. Ser padre é bom e santo; você conhece muitos, como o Padre Cabral, que vive tão feliz com a irmã; um tio meu também foi padre, e escapou de ser bispo, dizem. Deixa de manha, Bentinho. (ASSIS, 1997, p. 89).

Pensaremos, a partir deste ponto, como é que, na co-dependência, os amantes se colocam ou são colocados neste lugar do Eu ideal, podendo haver uma colagem, uma não-diferenciação de um ou outro. Podemos pensar que Bento Santiago colado em sua mãe, não podia amar Capitu como um homem, pois seus ideais de santo o impediam e somente conseguia enxergá-la tão poderosa e inatingível como sua mãe ?

A sublimação, sendo um processo que diz respeito à libido objetal, consiste no fato de a pulsão se dirigir para uma finalidade diferente e não-sexual. A idealização é um processo que diz respeito ao objeto, engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A formação de um ideal do Eu aumenta as exigências do Eu, favorece a repressão, tornando a sublimação uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão. A consciência assegura a satisfação narcisista proveniente do ideal do Eu. De início, sua instituição é uma personificação da crítica dos pais e, posteriormente, de todas as pessoas de seu ambiente – seus semelhantes – a opinião pública, a sociedade.

A auto-estima depende, particularmente, da libido narcisista, expressando o tamanho do Eu. Nas relações amorosas, o fato de ser amado

aumenta o sentimento de auto-estima, enquanto não ser amado reduz a mesma. A situação de Bento Santiago parece se complicar nesse viés, pois ele vem para ocupar o lugar do irmão morto (sem existência), ele não será padre nem homem, nem nada? E sua auto-estima como fica? Colado na dependência do amor de uma mulher de verdade, onde ele não pode satisfazê-la por sua incompetência amorosa?

O investimento objetal libidinal não eleva a auto-estima, enquanto que a dependência ao objeto amado reduz este sentimento. Um indivíduo que ama priva-se de uma parte de seu narcisismo, podendo ser substituída pelo amor de outra pessoa.

O empobrecimento do Eu, a impotência e a incapacidade de amar provenientes da repressão da libido, juntamente com uma perturbação física e mental, diminuem a auto-estima. O amar, em si, reduz a auto-estima, ao passo que ser amado, ser correspondido e possuir o objeto amado eleva-a mais uma vez.

Mais uma vez, vemos no texto de Machado a questão da baixa estima de Bento Santiago quando se vê diante da história da amada em ter o primeiro filho:

Aquela ameaça de um primeiro filho, o primeiro filho de Capitu, o casamento dela com outro, portanto, a separação absoluta, a perda, a aniquilação, tudo isso produzia um tal efeito, que não achei palavra nem gesto fiquei estúpido. Capitu sorria; eu via o primeiro filho brincando no chão... (ASSIS, 1997, p. 97).

Nesse instante, já começa a fervilhar o veneno do ciúme de quem não pode ser o que se espera, ele não podia amar Capitu do jeito que ela esperava e parece que ele sabe disto. Capitu representa força e vigor, o que ele não tinha muito. Ela representa o Eu ideal, enquanto a sua mãe é o ideal do Eu ou seu Supereu.

O desenvolvimento do Eu consiste no afastamento do narcisismo primário, ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu, imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. O Eu emite os investimentos objetais libidinais, empobrecendo-se, em benefício do ideal do Eu. E se enriquece novamente a partir das satisfações em relação ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal.

Bento Santiago precisava ser o que sua mãe queria dele e ao mesmo tempo corresponder a Capitu. Se Dona Glória era extremamente rígida na sua relação com a religião, ela passava isso para o filho de modo impositivo.

O ideal do Eu, aqui interpretado como D. Glória, apresenta funções como a auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e o exercício da influência essencial no recalque. Ela seria, então, a herdeira do narcisismo primário. Significa o produto da identificação que Bentinho estabelece com as figuras parentais e seus substitutos sociais, caracterizando uma nova instância, o Supereu.

A impressão que fica na obra machadiana é que começa na cabeça de Bento Santiago: um conflito entre as forças do ego ideal e do ideal do Eu. Essas forças são corporificadas, hipoteticamente, como Capitu e D. Glória, gerando angústia para Bentinho.

Quem será esse narrador, um santo ou um pecador apaixonado? Um menino submisso a D. Glória ou um homem casmurro que não consegue amar sem se comparar a outros homens? Possui baixa-estima ou elevado senso narcísico? Percebemos que não é possível, para Bentinho, sair desse dilema, dessa prisão.

O ideal do Eu revela um importante panorama para a compreensão da psicologia da massa. Além de seu aspecto individual, há também o aspecto social, constituindo o ideal comum de uma família, de uma classe, da cultura. Bento Santiago levava consigo a cultura de sua classe e de sua família nesse ideal do Eu, o que complicava sua situação por não ter referências masculinas fortes e marcantes.

4 A SIMBIOSE: O CONCEITO EM MAHLER E OUTROS AUTORES

4.1 O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO

O conceito de simbiose que apresentaremos, num primeiro momento, é tirado de uma releitura da Psicanálise, feita pela psicanalista Margareth Mahler (1982), que, de alguma forma, contribui para a compreensão do significado deste estudo, no sentido de esclarecer como as primeiras relações de amor do sujeito são importantes no processo evolutivo do homem.

Antes de ser descrito e analisado o fenômeno da simbiose, será útil lembrarmos que Roudinesco (1944) refere-se ao narcisismo como fenômeno

libidinal. O narcisismo passou a ocupar um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano.

Freud desenvolveu o conceito de narcisismo afirmando que podia inseri-lo no curso regular do desenvolvimento sexual humano (1914). A formulação desse conceito levanta várias dificuldades e ambigüidades, possibilitando que outros autores desenvolvessem suas teses, como Melanie Klein, Lacan e muitos outros.

Roudinesco (1944, p. 99) lembra o que Freud elaborou no contexto da segunda tópica:

Freud retornou a esta questão da localização do narcisismo primário que foi então situado como o primeiro estado da vida – anterior, portanto, à constituição do eu-, característico de um período em que o eu e o isso são indiferenciados, e cuja representação concreta poderíamos conceber sob a forma de vida intra-uterina.

Portanto, a partir dessa afirmativa, podemos começar a comparar o que Freud chamou de narcisismo primário com o que Margareth Mahler descreveu como simbiose, ou sua fase anterior: autismo normal (que antecipa a simbiose) com o auto-erotismo freudiano (que precede o narcisismo primário).

Freud (1914, p. 104) relata ainda:

Dizemos que um ser humano tem originariamente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele - e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.

Segundo Pontalis e Laplanche (1998, p. 444), para maior entendimento da importância das primeiras experiências do ser humano com seus primeiros amores (ou seja seus genitores), seria necessário:

[...] designar o modo de relação do sujeito com seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasística dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa.
- Fala-se das relações de objeto de um dado sujeito, mas também

de tipos de relações de objeto, ou em referência a momentos evolutivos (ex. Relação de objeto oral), ou à psicopatologia (ex. relação de objeto melancólica).

A expressão “relação de objeto” pode confundir o leitor não habituado com os textos psicanalíticos, conforme Pontalis e Laplanche (1998). Objeto deve ser compreendido no sentido específico que possui em Psicanálise em expressões, como “escolha de objeto” ou “amor de objeto”. Sabe-se que uma pessoa, na medida em que é visada pelas pulsões, é qualificada de objeto. Isso nada tem de pejorativo, nada em especial que implique que a qualidade de sujeito seja, por isso, recusada à pessoa em causa.

Ainda, na concepção de Pontalis e Laplanche (1998), a relação deve ser entendida em sua plena acepção: trata-se, de fato, de uma inter-relação, isto é, não apenas da forma como os sujeitos constituem os seus objetos, mas também da forma como esses modelam sua atividade.

Na concepção de Melanie Klein, essa idéia vê reforçada sua significação: os objetos-projetados, introjetados exercem, literalmente, uma ação (persecutória, tranquilizadora, entre outras) sobre o sujeito (ver: “bom” objeto, “mau” objeto). Neste ponto, podemos ver em Bento Santiago sua fixação no que Melanie Klein chamou de estágio esquizoparanóide, onde o sujeito sente o mundo como hostil, podendo, se não sair dessa fase, ficar com resquícios dela na vida adulta. Nessa situação, o ciúme pode ter conotações doentias por ter sido instalado nesse estágio e não ter sido resolvido.

Nos termos “escolha de objeto” ou “amor de objeto”, o vocábulo “**de**” (que está onde poderíamos esperar um **com o**) vem apontar essa inter-relação. Efetivamente, falar da relação com o objeto ou com os objetos implicaria que estes preexistissem à relação do sujeito com eles e, simetricamente, que o sujeito já estivesse constituído.

Comparando com o narcisismo de Freud, descreveremos, primeiramente, a simbiose humana considerada “normal” dentro do quadro de desenvolvimento do sujeito. Nesta parte dos estudos, consideraremos sempre a realidade intrapsíquica do ser humano em relação aos e/ou com os estímulos externos.

O termo “simbiose”, segundo Mahler (1982), foi tomado da Biologia que se refere à íntima associação funcional de dois organismos para proveito

mútuo. Mahler esboçou, em 1949, sua teoria, segundo a qual síndromes psicóticas infantis de tipo esquizofrênico seriam autísticas ou simbióticas em sua origem, ou ambas as coisas. Em 1955, levantou a hipótese com Gosliner da universalidade da origem simbiótica da condição humana (1977).

Do ponto de vista humano, a simbiose é considerada uma metáfora, pois, de acordo com Mahler (1982), no caso da relação mãe-filho, há uma diferença entre o adulto que depende relativamente da criança e esta que depende absolutamente desse adulto.

Mahler (1982) compara a fase autística com um sistema parecido com o ovo de um pássaro, um sistema psíquico capaz de se manter e de se satisfazer fechado em sua casca e limitado ao calor de sua mãe. De modo simbólico, pode-se entender como os estímulos internos estão centrados nessa fase, chamada também de autismo normal. A compreensão do que acontece nas chamadas fases-autísticas, simbióticas dentro da evolução “normal” do ser humano, facilita o entendimento das patologias que envolvem uma regressão do sujeito aos seus núcleos patológicos, ou mal estruturados.

No romance Dom Casmurro, vimos o que aconteceu com Bentinho quando ele regride a núcleos patológicos mal estruturados como o ciúme doentio que sente por Capitu.

A partir das afirmações de Freud, podemos inferir uma comparação sobre o que outros autores pensaram sobre a vinculação inicial do ser humano com o mundo. No texto freudiano, é referendado o fato de todo ser humano necessitar de uma nova ação psíquica para sair do auto-erotismo. Assim, poderemos fazer uma aproximação do que Freud chamou de saída do auto-erotismo para o narcisismo ou para outro caminho das pulsões ao que Mahler chama de saída da casca do ovo no autismo “normal”? Esta é uma questão a ser pensada.

Conforme Mahler (1982) o aspecto essencial da simbiose é caracterizado pela fusão onipotente, ilusão de limites comuns dos dois indivíduos reais e fisicamente separados. “Este é o mecanismo ao qual o ego regride nos casos das mais graves perturbações de individuação e de desorganização psicótica, que descrevi como “psicose simbiótica da criança” (MAHLER, 1982, p. 67). A fase simbiótica perdura até mais ou menos os 36 meses da criança.

Assim sendo, podemos até especular na ficção: será que D. Glória, por ser tão onipotente, não tenha conseguido interpretar as reais sensações de

Bentinho em sua infância, deixando-o perdido sem contenção e desamparado nas suas primeiras experiências de vida?

Dentro de suas pesquisas, Mahler (1989) assinalou que são duas as condições para que aconteça uma estruturação egóica. Ela afirma que os estímulos internos não devem ser tão intensos e persistentes a ponto de impedir que a estrutura se forme, essa como uma condição primeira e, depois, a mãe ou o parceiro simbiótico deve servir de pára-choque contra os estímulos internos e externos, ajudando o bebê na organização e na percepção de limites do mundo interno e externo.

Podemos levantar a hipótese que Bento Santiago não tenha conseguido passar por essas fases de maneira confiante e feliz, pois fica sinais na vida adulta de uma baixa- estima, muita insegurança em relação a Capitu, pode denotar a sua dificuldade e insegurança com a mãe onipotente que D. Glória apresenta nos relatos do narrados. Machado delinea a personagem com uma postura tão controladora com o filho que este pode não ter apreendido a confiar em si mesmo.

Na citação seguinte, podemos ver a fragilidade egoíca de Bento Santiago: “O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.” (ASSIS, 1997, p. 17).

Então, interpretamos que Bentinho não teve uma simbiose considerada “ótima”, uma “conduta protetora”, e ainda a constância do parceiro da simbiose não o ajudou , enquanto criança, no processo de separação-individuação.

4.2 A SIMBIOSE, SEGUNDO JOSÉ BLEGER

O psiquiatra e psicanalista argentino José Bleger (1988) discorreu sobre “modalidades da relação objetal”, citando o trabalho de Melanie Klein, que contribuiu para aprofundar a obra de Freud com a proposição da Teoria das Posições, mostrando duas posições básicas que correspondem às posições esquizoparanóide e depressiva, segundo as quais a conduta se organiza e se estrutura. Embora dinâmicas e coexistentes, a cada uma delas correspondem ansiedades, objetos e defesas típicos.

Quanto à relação objetal, na posição esquizoparanóide que perdura durante os três ou quatro primeiros meses de vida, predomina a relação de objeto parcial, sendo que na posição depressiva a relação diz respeito a um objeto total. Vale dizer, na primeira, as experiências de gratificação e frustração são percebidas e mantidas em separado, como correspondentes a dois objetos inteiramente distintos (bom e mau) (BLEGER, 1988, p. 97).

Outra hipótese que pode ser levantada é a possibilidade dos delírios paranóicos de Bentinho derivarem dessa fase angustiante para a criança.

Klein, segundo Bleger (1988, p. 98), não incorreu em um esquematismo simplista quando do reconhecimento dessas duas posições. Postulou que, na mente da criança, os objetos “bom” e “mau” não se diferenciam totalmente um do outro nos primeiros meses. “O seio da mãe, tanto em seu aspecto bom como no mau, parece fundir-se, para ela, com a presença corporal da mãe, e a relação com esta como pessoa vai se constituindo gradualmente a partir deste momento” (BLEGER, 1988, p. 98).

Bleger conclui que a característica básica da transferência psicótica nada mais é do que sua qualidade simbiótica. O autor ressalta, em estudos sobre a simbiose, o postulado de recusar a afirmação de que, nos primeiros estágios da vida, o ser humano é isolado e depois vai, gradualmente, adquirindo a cultura.

Bleger (1988, p. 10) postula no sentido de afirmar que o ser humano não nasce um ente isolado e assim levanta a hipótese de “um estado de indiferenciação primitiva, como ponto de partida do desenvolvimento humano”. Essa hipótese o leva a investigar o tipo de relação (indiferenciada) que vai se modificando com o desenvolver do ser humano, como isso ocorre no processo da relação e não como ele se conecta com o mundo.

Conforme Bleger (1988, p. 23), “o estudo da simbiose implica o entrecruzamento de papéis e num material clínico, o campo seria o da transferência e da contratransferência”. Assim, estudando a simbiose e a natureza da relação objetal, o autor chegou a observar que “o vínculo simbiótico é uma relação muito condensada de coisas altamente complexas e contraditórias, que precisam ser ‘esmiuçadas’ e discriminadas para que possam ser reintrojetadas e elaboradas” (BLEGER, 1988, p. 51).

Neste estudo podemos comparar o que acontece com Bento Santiago,

o quanto se mistura na relação com Capitu, a ponto de deixar a dúvida transformar-se em ódio dilacerante e prejudicar a sua vida com ela. Isso é apontado pela pesquisadora Maria Elizabeth Sacchetto, na sua análise de Dom Casmurro: “No enterro de Escobar, ao observar Capitu que consolava Sancha, Bentinho transfere a ressaca do mar, que tragara o amigo pela manhã e confirma a suspeita.” (2005, p. 37).

Bleger denominou “objeto aglutinado” o objeto com o qual se estabelece o vínculo simbiótico. Chamou-o de viscoso ou gliscróide, por ser o fenômeno da simbiose caracterizado por sua viscosidade. Bentinho apresenta essa viscosidade com Capitu, no trecho abaixo, demonstrando a sua complexidade de narrador na delirante cena de ciúmes do mar:

Se não fosse a astronomia, não descobriria eu tão cedo as dez libras de Capitu; mas não é por isso que torno a ela, é para que não cuides que a vaidade de professor é que me fez padecer com a desatenção de Capitu e ter ciúmes do mar. Não, meu amigo. Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela. É sabido que as distrações de uma pessoa podem ser culpadas, metade culpadas, um terço, um quinto, um décimo de culpadas, pois que em matéria de culpa a graduação é infinita. A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que os recordem e se deleitem com a imaginação deles. Não é mister pecado efetivo e mortal, nem papel trocado, simples palavra, aceno, suspiro ou sinal ainda mais miúdo e leve. Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua faz com que metamos Sírius dentro de Marte, e tu sabes, leitor, a diferença que há de um a outro na distancia e no tamanho, mas a astronomia tem dessas confusões. (ASSIS, 1997, p. 80).

Acima, vemos que Bentinho retoma a viscosidade no vínculo com Capitu quando, dentro de sua própria percepção, tenta invadir sua alma, querendo controlar seus pensamentos, imaginando que o que ele acha que ela sente seja verdadeiro.

A simbiose é uma relação que permite a imobilização e o controle do objeto aglutinado. Segundo Bleger, este objeto aglutinado é uma condensação de formações muito primitivas do Eu na sua relação com objetos internos ou partes da realidade exterior, em todos e em cada um dos níveis de integração (oral, anal e genital), tudo isso sem discriminação, mas também

sem confusão.

Olhando o texto em Dom Casmurro podemos notar que a invasão no eu de Capitu era intensa: “Foi justamente por ocasião de uma lição de astronomia, à Praia da Glória. Sabes que alguma vez a fiz cochilar um pouco. Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, que me deu ciúmes. – Você não me ouve, Capitu.” (ASSIS, 1997, p.79). Bento tinha ciúmes do olhar dela pelo mar.

A confusão ocorre quando se perde a discriminação, sendo que, na aglutinação, não há confusão, porquanto a discriminação ainda não foi alcançada. Bleger (1988) afirma que o objeto aglutinado inclui a mais primitiva estrutura psicológica, na qual há fusão do interno e do externo (um estado sincrético), e sua permanência constitui o núcleo psicótico da personalidade; da magnitude deste núcleo psicótico (aglutinado) depende a intensidade e o caráter da dependência simbiótica.

“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição”. (ASSIS, 1997, p. 25). Vemos claramente neste trecho que o narrador precisa repetir para si mesmo, como se fosse para o leitor o que já estava misturado, não o possibilitando enxergar a diferença entre ele e o objeto amado.

Bleger (1988, p. 51) esclarece que a perda da imobilização e do controle sobre o objeto produz, no sujeito, ameaça catastrófica de aniquilação do ego, resultando ansiedade do tipo catastrófico, primitiva, intensa e maciça. “As técnicas defensivas que atuam frente ao objeto aglutinado são as mais primitivas: a dissociação, a projeção e a imobilização, que aparecem também, violenta e maciçamente, em sua máxima intensidade”. Este trecho do romance vem explicar o ciúme exagerado de Bento Santiago. No ciúme, podemos vislumbrar a projeção em muitos momentos.

A explicação que ocorria com Bento Santiago nos seus delirantes pensamentos de perda de Capitu para Escobar: “Os olhos de Capitu tornam-se a prova definitiva; a confissão não vem pelos lábios, mas pelos olhos, como o espelho a refletir a alma” (SACCHETTO, 2005, p. 41).

Segundo o crítico Alfredo Bosi (2007), Bento não vê em Capitu olhos viesados para os lados ou para baixo. Ele só vê olhos de ressaca, com intuição perturbadora, constituindo em metáfora sugestiva que transfere para

as ondas do mar, que voltará tragando Escobar. Há o fluxo e o refluxo do olhar, o que constitui a figura da vontade de viver e de poder. Havia uma só energia latente naquela mulher, “mais mulher do que eu era homem”, como Bentinho admite na sua confissão de fraqueza que inverte a posição de classe e a faz esquecida ou inoperante.

Podemos inferir que os olhos de Capitu nesse caso podem refletir a projeção maciça de Bento Santiago, como mecanismo de defesa dele no envolvimento com ela. Projetava nela seus desejos reprimidos pelo amigo e por ela? O espelho que refletia a alma, refletia a alma de quem? Observem a confusão que a simbiose proporciona em quem não saiu dela.

Através de material clínico, Bleger (1988) faz as seguintes observações, segundo o estudo da simbiose como uma forma de dependência:

a) que autismo e simbiose são sempre coexistentes, mesmo com o predomínio de um sobre o outro, absoluto, relativo ou alternado.

b) que ambos são relações narcísicas de objeto.

c) na simbiose, o papel projetado coincide com o do depositário. Deve-se falar em simbiose quando tiver ocorrido uma identificação projetiva cruzada.

d) a simbiose caracteriza-se pelas projeções maciças imobilizadas dentro do depositário, de tal modo que fique alienada boa parte do ego dentro deste último.

e) a simbiose é muda, só aparecem sintomas na ruptura.

Apontamos, anteriormente, algumas observações feitas por Bleger em estudos sobre a simbiose e ressaltamos que não foram todas citadas pela relevância do tema aqui discutido.

A partir desses conceitos sobre simbiose, poderemos estabelecer um paralelo entre simbiose e a co-dependência?

Seriam as pessoas que não conseguiram uma “ótima simbiose” como diz Mahler (1982), que ficam tentando reeditar com outros sua história primeva?

5 CONCLUSÃO

Para Freud o estar apaixonado, paixão no sentido etimológico, *passio* (latim) = sofrimento, vício, amor ardente. O uso desse termo, no sentido dado

acima, facilita o entendimento de como acontece uma reedição transferencial de vivências muito marcantes, em vínculos chamados “simbióticos”, por casais, mãe-filho ou qualquer vínculo em que possa ser evidenciada a questão da co-dependência em comparação com eles.

Assim, do texto freudiano, podemos inferir que, quando a pessoa encontra no parceiro seu ideal sexual, seu Eu ideal, aí sim poderá haver uma colagem, no sentido de amor idealizado, reedição infantil e assim por diante. Essa colagem de um e outro não deixa espaço para o nós, não dá entrada para um terceiro na relação, confirmando, assim, a relação como narcísica.

Como no caso de Bento Santiago, que cola em Capitu não deixando espaço para visualizar-se na relação, somente enxerga seu delirante ciúme. Instala-se a simbiose entre o casal, onde Bentinho mostra, de forma clara, o quanto depende psicologicamente de Capitu e ela, por sua vez, faz um papel complementar, de retro-alimentação, por não ter a iniciativa de romper a relação nem se defender da acusação de adultério. Ela fica sem voz, dando margem ao delírio dele.

O texto freudiano sobre identificação (1921), “Psicologia de grupo e análise do Ego”, será trabalhado como uma ponte com os conceitos e achados sobre simbiose. Quando Freud (1921) relata que o laço emocional e afetivo mais primitivo com outra pessoa é a identificação, começa a descrever a natureza ambivalente desta, desde os primórdios, propondo que o indivíduo escolha um caminho para se identificar e outro como objeto sexual, podemos daqui, inferir suas vias de acesso a outras teorias.

Se observarmos o que Freud diz da identificação ser uma derivação de fases mais remotas e primitivas, quando a criança devora o objeto que adora, para internalizá-lo, fazendo a mesma coisa com o ideal do eu, podemos aproximar isto de uma simbiose, em que a criança ainda em fusão parcial com a mãe se identifica com partes dela ou escolhe partes dela como objeto de prazer e dor, como já vimos nos capítulos anteriores.

Nesta revisão do texto freudiano, podemos ainda lembrar o quanto uma pessoa que sofre por amor mistura-se com o outro, fusiona-se, como o bebê que não consegue ter autonomia sem o outro. Amor patológico ou patologia do amor, fica a interrogação para diversas análises. Ao interpretar o romance machadiano, vimos a patologia do amor de Bentinho por Capitu, em sua delirante forma de sentir a mulher amada.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Klick, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- BLEGER, José. **Simbiose e ambigüidade**. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 2.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **A história do Movimento Psicanalítico. Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos** (1914-1916). Trad. Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. p. 85-119. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- _____. Psicologia de grupo análise do Ego. In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Trad. Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. p. 89-169. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- MAHLER, Margareth. **As psicoses infantis e outros estudos**. Trad. Helena Mascarenhas de Souza. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. **O processo de separação-individuação**. Trad. Helena Mascarenhas de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- PONTALIS, J. B; LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ROUDINESCO, Elizabeth e Michel Plon. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SACCHETTO, Maria Elizabeth. **Dom Casmurro: quatro olhares e um arquétipo**. Juiz de Fora: Franco, 2005.